

TEATRO

2.94.58

EU não tenho nada com isso, mas sou contra essa história de obrigar as companhias de teatro a representar uma certa porcentagem de peças brasileiras. Se há um sujeito no Brasil que não precisa de estímulo nenhum é o teatrólogo; ele é altamente protegido pela lei. Uma peça de teatro qualquer, de êxito medíocre, dá mais dinheiro ao autor que um grande romance de alto sucesso. Manuel Bandeira conta que com uma simples tradução que fez para teatro ganhou mais dinheiro que com toda a imensa e excelente produção literária de sua vida inteira. Se não há mais peças brasileiras boas é porque não há mesmo. Uma lei como essa fará com que toda a sublitteratura nacional passe a compor peças, de representação forçada — o que será mau para as companhias e para o público. O bom escritor, se não sente vocação para o teatro, continuará à margem dele.

Se o governo quer fazer alguma coisa pelo teatro nacional o que ele deve fazer é... teatros. Os pouquíssimos que existem cobram fortunas das empresas. Os impostos e taxas são também pesadíssimos. A companhia, no fim das contas, fica apenas (na melhor hipótese) com uns 40 por cento da renda bruta da bilheteria para todas as despesas de pessoal. No lugar de dar subvenções e inventar leis o governo poderia construir teatros e baixar os impostos; e deixe quem quiser representar o que quiser, pois, no fim das contas, quem escolhe as peças é o público — e este não é nem nunca foi contra a produção nacional, muito pelo contrário. Teatro mais barato e com margem melhor para os artistas — esta é a política simples e boa que o governo pode seguir, se quiser.

Agora mesmo estou vendo o meu amigo Vinicius de Moraes metido em uma aventura belíssima. Sua peça «Orfeu da Conceição» está sendo ensaiada com uma paciência e um carinho terríveis. Além do ensaio teatral mesmo, tem música, tem «ballet», exige orquestra. A estréia não tardará muito, no Municipal.

Vai ser uma noite de alta gala para o teatro brasileiro, esta em que uma grande poeta apresenta a sua peça, que é um sonho de muitos anos.

O filme, baseado na peça, já está sendo feito na França, pois as cenas que precisavam ser filmadas no Rio já estão prontas. Mas Vinicius ainda não sabe ao certo para que teatro irá depois da estréia no Municipal. Uma das casas, aliás de segunda classe e mal situada, quer apenas 12 contos por noite... A COFAP, que taxa tanta coisa, não poderia taxar também aluguel de teatro? Não aparecerá nenhuma lei de inquilinato para proteger os artistas contra a ganância dos proprietários desses casarões? Por que o governo não desapropria essas casas, já que seus donos não se contentam com uma renda justa?

É milagroso que no meio de tanta anarquia e da terrível concorrência do cinema (amparado por um dólar a taxa de pai para filho, que é um sorvedouro de divisas), é milagroso que ainda se faça bom teatro.

Conclamo o leitor a deixar de lado o rádio, a televisão, a «boite» ou o «biriba» e outros divertimentos anti ou pró inflacionários, aprovados ou combatidos pelo meu prezado José Maria de Alkmim, e ir uma noite destas ao Regina ver o último espetáculo da temporada Tônia-Celi Aurran.

«Entre Quatro Paredes», de Sartre, e «Dois a Dois», de Neveux, estão sendo levados cada noite, mas ficarão muito pouco tempo no cartaz, pois a empresa já tem teatro ajustado em São Paulo. A crítica tem dito o que pode dizer de melhor; eu, que sou um simples espectador, direi apenas que vale muito e muito a pena ir lá, para sentir tanta emoção tão boa, mesmo às vezes doendo muito, porque o milagre da arte é fazer de tudo beleza. Na obscuridade da platéia eu tive vontade de chorar, de amar, de ser abandonado, de bailar, de ir a Paquetá, de brincar, de rir, de perdoar, de morrer, de viver — e no fim essa coisa de arte torna mais densa e melhor a nossa vida, e é, na verdade, neste mundo pobre e feio, um grande consólo, um feitico decente que faz bem à gente, como dizia o primo Noel.